

Como os outros, eles só querem casa e trabalho

A história de "seu José" e de "dona Lúcia" é a mesma de milhões de nordestinos que migraram para as "cidades grandes" em busca de uma vida melhor. É a mesma história feita de muito trabalho, suor, lágrimas e nenhuma recompensa ao que esse povo obstinado e sofrido persegue através das décadas, das secas e do constante êxodo: uma vida decente. É uma história de muita luta e de muita morte, às vezes à mingua, às vezes de fome.

— Primeiro eu casei na Paraíba, certo? Depois eu deixei a mulher lá, em 69, e ela já estava grávida, vim passar uns meses por aqui. Pelejei de servente de pedreiro. Eu sofri um pouquinho por aqui, né? Depois arrumei um servicinho aí e não gostei e voltei para junto da minha família e fiquei alguns anos por lá. Aí não deu mais e rumei com toda a família de novo para cá.

FINANÇAS

Cercado de todos os filhos e tendo ao lado a mulher, José Milton começou a contar a "história" de sua luta para sobreviver e o que ainda restou dos seus sonhos ("quero ir para São Paulo", revela). Gesticulando muito e deixando aparecer os dedos das mãos bastante escuros, queimados pelo uso do verniz no seu trabalho de lustrador de móveis, seu José fala das finanças da família.

— O que eu ganho varia muito. Fixo ganho 27 mil cruzeiros mensais. Mas de vez em quando também aparece uns "gatinhos" (serviços extras) para fazer. Isso por mês dá uma base de 35 mil cruzeiros. Mas quando aparece, né?

José Milton dá um "chega pra lá no gato" que se enroscava na sua perna e comenta: "A tv tá quebrando um galho muito jóia," diz orgulhoso. "Pros meninos", corrige dona Lúcia. "Você comprou ela nova?" "Novinha. No Ponto Frio. Já está com mais de três anos."

UM SONHO

— Eu penso em ir embora. Aqui em Brasília não está dando. Eu fico pensando aqui em casa. Às vezes me acordo assim de noite. Se outro lugar é melhor? Rapaz, eu não sei. Eu sou um cabra meio **destinado**. Quer dizer, mas com toda a família junto. Mas **tô** pensando em vê se arrumo alguma coisa. Se não der eu volto **pra** trás. **Tô** pen-

sando em São Paulo ou Rio de Janeiro.

— Melhor é por aqui mesmo, volta a intervir dona Lúcia.

— Amigo mesmo em São Paulo eu só tenho o meu cunhado e a minha irmã. Meu cunhado trabalha **pro** mando dele. Ele faz molduras de gesso. Se lá também é igual aqui? Rapaz, eu vou te falar uma coisa, não sei não. Eu só sei quando eu vejo as coisas. Eu só sei quando eu chego lá nas coisas e olho. Minha profissão tem em todo o lugar. Eu sempre sonhei com São Paulo. Se eu já estive lá? Não, nunca. Outro lugarzinho que eu gosto é Goiânia. **Pra** mim eu morando lá é mesmo que **tá** morando em Campina Grande (risos). É uma tranquilidade.

— Eu não gosto. Eu já me acostumei aqui. Não quero sair da minha casinha não, diz dona Lúcia. José a tranquiliza dizendo que não venderia a casa antes de "ir ver a vida lá". Se der certo, acrescentou, "também se a mulher concordar, aí a gente pode fazer alguma coisa."

— Concordo não. Brasília é tão grande que a gente procurando acha. Só na Paraíba que era muito difícil. Lá você só via parado, lembra a mulher.

— Minha filha, diz José para a esposa, você sabe, né? Se você vai ganhar um tanto e se no outro canto você vai ganhar o dobro, então a gente procura o melhor, **pra** dá conta da família. Se trabalho no final de semana? Trabalho sim. É só ter serviço.

O PARTO

O primeiro emprego de José Milton foi em 1973. Um irmão seu arrumou um emprego de lustrador numa firma. "Desde esse tempo que estou aí batalhando. Nesse emprego que estou agora **nem faz quatro** mês. Lá eu não sou fichado não (carteira profissional assinada). A firma é nova e **nem tá** registrada ainda.

— Isso é ruim, diz dona Lúcia. A gente não tem direito a nada, a socorro. A gente não tem apoio da família, de INPS, de nada.

— Eu **tô** "previsto" aí numa firma e vou me fichar nela. Ganhar nenê assim? Não. Se Deus quiser (diz para a mulher) você não vai ganhar nessa situação. Se Deus quiser a gente chega lá. Eu não vou passar nem mais dois meses sem fichar.